

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE – UNI-BH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – DCC
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Interatividade: o público e o privado na do Mundo Virtual

SALOMÃO AFONSO TERRA

BELO HORIZONTE – MG
DEZEMBRO DE 2006.

SALOMÃO AFONSO TERRA

O Público e o Privado na interatividade do Mundo Virtual

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, do Departamento de Ciências da Comunicação, do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Sob a orientação da professora Adélia Barroso Fernandes

BELO HORIZONTE – MG
DEZEMBRO DE 2006.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e namorada, por terem me apoiado neste longo caminho da graduação. Ao Uni-BH, por ter me oferecido apoio para construção do Saber. Aos mestres, por terem despertado em mim a paixão pela Comunicação. E à minha orientadora, professora Adélia, por ter me incentivado a desenvolver este trabalho, me apoiado em momentos difíceis e me cativado com sua maneira de transmitir o Conhecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1 – A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO E ESPAÇO PRIVADO	07
1.1 A Condição Humana e a esfera pública e privada.....	08
1.2 Origem e transformação da Esfera Pública.....	10
1.3 Esfera Pública contemporânea	15
CAPÍTULO 2 – O MUNDO VIRTUAL.....	18
2.1 O surgimento da Internet.....	18
2.2 A possibilidade virtual.....	20
2.3 Interatividade e democracia estimulados na internet.....	23
CAPÍTULO 3 – DA CARTA À CRIAÇÃO COLETIVA	28
3.1 Sistemas de E-mail.....	29
3.1.1 Interatividade.....	30
3.1.2 Texto.....	31
3.1.3 Extensão.....	31
3.1.4 Ressonância.....	32
3.1.5 Assinatura.....	32
3.1.6 Debate.....	32
3.2 Blog do Tás	33
3.2.1 Interatividade.....	36
3.2.2 Texto.....	38
3.2.3 Extensão.....	39
3.2.4 Ressonância.....	39
3.2.5 Assinatura.....	40
3.2.6 Debate.....	41
3.3 Último Segundo.....	41
3.3.1 Interatividade.....	44
3.3.2 Texto.....	45
3.3.3 Extensão.....	46
3.3.4 Ressonância.....	47
3.3.5 Assinatura.....	47
3.3.6 Debate.....	47
3.4 Overmundo	47
3.4.1 Interatividade.....	49
3.4.2 Texto.....	52
3.4.3 Extensão.....	52
3.4.4 Ressonância.....	52
3.4.5 Assinatura.....	54
3.4.6 Debate.....	54
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

INTRODUÇÃO

Entender os *mass media* é importante para uma melhor compreensão do mundo contemporâneo. Neste vasto campo, apoiado pela rápida velocidade de desenvolvimento da tecnologia, se destaca a Internet. Com o avanço das tecnologias de comunicação, ela se torna ponto central para a discussão a respeito dos meios de comunicação de massa. É inconcebível, no cenário comunicacional atual, falar de diferentes tipos de mídia sem abordar o caso específico da *web*, quer seja uma análise dos veículos de comunicação digital, quer seja um estudo sobre as diversas ferramentas oferecidas aos usuários.

São necessárias, dentro da discussão a respeito da atual estruturação e funcionalidade dos meios de comunicação modernos, pesquisas sobre como se constituem o espaço público, o espaço privado e a esfera íntima, bem como a relação entre tais esferas na instância comunicativa midiática.

A *web* nos remete a ambientes diversos, públicos, privados e íntimos. Talvez os mais comuns, e facilmente perceptíveis, sejam os sites. Uma breve navegação deixa claro que há uma imensa – e intensa – miríade de possibilidades, desde sites com conteúdos exclusivamente jornalísticos, até os puramente voltados ao entretenimento, nos quais a questão do público e do privado está presente. Além disso, os conteúdos informacionais e de entretenimentos também estão em simbiose, típica do mundo virtual. A relação entre o privado e o público é mais complexa na sociedade midiática, especialmente no mundo virtual.

O mundo virtual tem diversos ambientes, com ferramentas próprias, que influenciam a construção da interação e o estabelecimento de limites mais ou menos rígidos para que o internauta navegue em espaços públicos, privados e íntimos.

É a partir de tais questões que se apoiará o presente trabalho. Nosso primeiro objetivo é analisar as ferramentas disponíveis aos usuários e como essas ajudam, ou dificultam, a

interatividade e a construção do espaço público de debate. Assim, conheceremos os caminhos que cada sistema oferece. Intrínseca a esta discussão encontraremos outros pontos (direitos autorais, webart, jornalismo virtual e entretenimento, etc) a serem analisados nesse estudo.

Analisaremos ferramentas de relações sociais no mundo virtual; o limite entre o privado e o íntimo; a formação da opinião pública a partir do diálogo virtual; a contribuição dos atores sociais, de maneira isolada, para a formação de um único conteúdo; a interatividade e a aproximação do emissor com o receptor no contexto virtual e a produção artística coletiva na Internet, além da questão do anonimato.

Como objeto empírico, serão analisados, dentro do contexto da web, dispositivos comunicacionais bem específicos. Teremos então análise de sistemas e-mails, Blog do Tás, sites de jornalismo virtual (Último Segundo) e webart (Overmundo). Aqui vale ressaltar que as análises não estarão focadas exclusivamente no conteúdo das mensagens. Será a partir da interatividade (principal foco da análise) que se construirá todo o arcabouço teórico/empírico proposto.

A escolha desses objetos empíricos levou em consideração também as diversas formas e possibilidades de interação entre homens e máquinas no mundo virtual. A primeira possibilidade é a relação Homem x Homem, que pode dar-se entre indivíduo x indivíduo (*sistemas de e-mail*) e interação indivíduo x grupo (*blogs*). Outra possibilidade é a relação Homem x Máquina que dá-se no sites com conteúdos informacionais e na web art, ou criação coletiva.

Este estudo está dividido em três capítulos. No primeiro há discussão sobre a construção, mudança e conceituação do espaço público e privado. Para isso, serão utilizadas as teorias do alemão Jürgen Habermas (1984), que traça um paralelo entre a história e a construção da esfera pública. Afim de evitar tendenciosismos, buscaremos em Thompson (1998) uma crítica e complemento ao pensamento de Habermas. Hannah Arendt (1995)

também será usada para uma melhor compreensão, na medida em que fala, de maneira mais filosófica, sobre o assunto. Ela busca as raízes na Grécia Antiga para discutir o assunto.

No segundo capítulo, se encontrará uma definição de Mundo Virtual. Os aspectos mais práticos, como o surgimento da própria internet são discutidos por Manuel Castells (1999). Já o francês Pierre Lévy (1999) nos mostra questões mais complexas, como a definição do que vêm a ser o Virtual. Já para fornecer parâmetros sobre interatividade, serão utilizadas as categorias propostas por Mônica Tavares (2002). Rousiley Maia (2002) também será estudada em virtude da sua contribuição acerca da discussão sobre internet como espaço democrático.

Já no terceiro capítulo haverá um análise de objetos empíricos. Como dito anteriormente, serão analisados os Sistemas de E-mail, Blog do Tás, Último Segundo e Overmundo, como exemplo de possibilidades de interatividade percebidas no mundo virtual.

1 A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO E ESPAÇO PRIVADO

O estudo da significação das esferas pública e privada interessa teóricos do campo das Ciências Sociais, principalmente da Comunicação, Filosofia e Sociologia, que buscam os mais diversos ângulos de análise. Entretanto, as teorias do pensador alemão Jürgen Habermas (1984) marcam a concepção e a transformação do conceito de esfera pública. Ele relaciona este conceito à comunicação moderna, propondo questões como a publicidade e as empresas de comunicação enquanto instituições direcionadoras de ideologia. As obras de Habermas, sobre este tema, são divididas em dois momentos. Até os anos 80, compartilhando da concepção dos teóricos da Escola de Frankfurt, ele acreditava que a burguesia e as transformações da era capitalista foram responsáveis pela destruição da vida pública, agravada pela emergência dos meios de comunicação de massa.¹ A mídia, na visão de Habermas (1984), teria contribuído para o rompimento das fronteiras entre público, privado e íntimo. Hannah Arendt (1995), no livro “*A condição humana*”, aponta, através de uma visão filosófica, uma concepção mais humana da esfera pública. Ela apresenta ainda uma reflexão crítica do indivíduo na modernidade.

A partir dos anos 80, o pensamento habermasiano passa por uma reformulação, especialmente com o desenvolvimento da teoria da ação comunicativa, em que o autor coloca em questionamento a sua visão pessimista sobre o mundo moderno e passa a acreditar que é possível pensar numa vida pública ativa com a presença dos meios de comunicação.

Thompson (1998), numa linha otimista em relação aos meios de comunicação de massa, faz críticas às idéias de Habermas presentes no primeiro momento da obra do autor alemão e aponta outra ótica possível. De acordo com Thompson, a vida pública sofre um

¹ A Escola de Frankfurt era uma escola européia que via os meios de comunicação como ferramentas de manipulação das massas e perpetuação da exploração da elite.

processo de transformação, mas, ao contrário de degradação, ele vê um processo de circulação pública de bens simbólicos, portanto um processo de democratização da informação.

1.1 A Condição Humana e a esfera pública e privada

Para Hannah Arendt (1995) a atividade humana – a ação – só é possível porque os homens vivem juntos. Ela cita, como exemplo, um ermitão, que vivendo em meio a uma região selvagem sem contato nenhum com a civilização humana poderia ser chamado de *animal laborans*, ou seja, ele desenvolve apenas o labor de forma a garantir sua sobrevivência. Entretanto, a ação, segundo Arendt, seria a única condição exclusivamente humana. Ela é a atividade na qual o homem constrói a política, as regras sociais e os parâmetros da civilização.

Hannah Arendt destaca também a diferença entre o social e o político, um esboço para a análise do espaço público (relacionado à polis) e privado (referente à família e aos negócios). Para tal, ela retoma as origens dessa divisão na Grécia antiga:

Segundo o pensamento grego, a capacidade humana de organização política não apenas difere, mas é diretamente oposta a essa associação natural cujo centro é constituído pela casa (*oikia*) e pela família. O surgimento da cidade-estado significava que o homem recebera, além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida, o seu *bios politikos*. Agora o cidadão pertence a duas ordens de existência; e há uma grande diferença em sua vida entre aquilo que lhe é próprio (*idion*) e o que é comum (*koinon*). (ARENDR, 1995, p. 33).

É no espaço público que o cidadão grego poderia ser igual e livre.

A *polis* diferenciava-se da família pelo fato de somente conhecer iguais, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade. Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar. Não significava domínio, como também não significava submissão. Assim, dentro da esfera da família, a liberdade não existia,

pois o chefe da família, seu dominante, só era considerado livre a medida em que tinha a faculdade de deixar o lar e ingressar na esfera política, onde todos eram iguais. (ARENDR, 1995, p. 41).

Arendt aborda a relação histórica que levou a uma possível fragmentação da concepção clássica de família. Segundo ela, a partir de um determinado período histórico, o homem passou a buscar os mecanismos de funcionamento social para alcançar uma liberdade. Arendt ressalta que há uma formação de uma espécie de Família (sociedade), em que todos os membros (milhares de pessoas) são iguais, entretanto, subordinados ao interesse de um só homem. Se na esfera da família (conceito clássico), o interesse era representado pelo homem (patriarca) do lar, na sociedade, a figura desse patriarca, responsável por milhares de pessoas, é encarnada em um líder político. Tal fato nos remete ao sistema monárquico. Há, porém, dentro desta “família social” diversas mudanças.

Um fator decisivo é que a sociedade, em todos os seus níveis, exclui a possibilidade de ação, que antes era exclusiva do lar doméstico. Ao invés de ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros um certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a normalizar seus membros, a fazê-los comportarem-se, a abolir a ação espontânea ou a reação inusitada. (ARENDR, 1995, p.50).

A autora utiliza o conceito de mundo comum para explicar a esfera pública pré-política. Para ela, o mundo dos homens é um espaço comum em que sentimentos podem ser experimentados por todos, respeitando-se as subjetividades. É nesse espaço que se dá o compartilhamento de emoções e de atividades humanas. Já quando se refere à esfera privada, Arendt utiliza-se, a princípio, da raiz etimológica da palavra Privado: privação. Para ela, foi a partir da privação do bem comum (participação política) que surgiu tal divisão. Hoje a esfera privada está ligada a questões como posses pessoais e riquezas.

1.2 Origem e transformação da Esfera Pública

O filósofo Jürgen Habermas (1984) traça um panorama histórico, a começar pela Grécia Antiga, da concepção e do significado moderno da palavra público. Habermas utiliza-se de conceitos como Estado, nação, povo, mercado e imprensa para, dentro de determinados contextos, apontar fatos importantes para a percepção da formação do conceito de público e privado.

Retomando a concepção de público e privado na Grécia Antiga, Habermas afirma que havia uma clara distinção entre estas duas esferas. A dimensão pública ocorria nas pólis gregas, em que aconteciam os debates públicos entre cidadãos com temas de interesse coletivo. A *oikós* – esfera privada – era voltada para questões privadas, da família. E ainda havia uma esfera mais restrita – a esfera íntima.

Quando se refere ao período da Idade Média, Habermas atrela o conceito de público à representatividade, ou seja, ao reconhecimento público. O cargo político é, essencialmente, ligado à esfera e à lógica política então vigente. Era público tudo aquilo que tinha ligação com a nobreza, inclusive o que se passava no espaço do palácio, e até mesmo em suas dependências particulares (quarto do Rei), provavelmente tornava-se um fato público.

Habermas relaciona à formação de uma nova concepção do significado de público, o começo das práticas capitalistas. Num momento histórico, denominado por ele como pré-mercantilista, o público está ligado às práticas comerciais (comércio, feiras, etc.). Com o avanço de tais práticas, os burgueses sentem a necessidade da criação de um Estado para regulamentar tais vínculos comerciais. A burguesia tinha como um dos principais argumentos a necessidade de uma clara separação entre o mercado e a atuação do Estado. Daí que surgiu a idéia do liberalismo. Com a Revolução Francesa, que acabou se tornando uma consagração

dos ideais burgueses, instala-se o “Estado de Direito Burguês”, no qual o Estado não deveria interferir nos assuntos relativos ao mercado.

Jürgen Habermas destaca a criação do Direito Privado, um conjunto de leis que possibilita aos cidadãos burgueses regulamentarem suas formas de trocas e leva a uma liberalização do mercado. O Estado perde a autoridade sobre transações comerciais privadas.

Daí, tem-se o começo da concepção de espaço público e espaço privado na sociedade burguesa emergente. Com o declínio da corte e o surgimento das cidades, os burgueses encontraram um espaço para discussões, sejam elas voltadas para uma reflexão a respeito dos atos do Estado, ou simplesmente sobre acontecimentos culturais (artísticos). Começa-se a constituir a esfera pública burguesa.

Neste embate entre a burguesia e a aristocracia, os burgueses colocavam-se como sujeitos críticos, estimulando a imprensa político-literária. Os jornais eram utilizados como formas de expor as opiniões da burguesia visando à tomada de poder dos aristocratas.

Os herdeiros daquela sociedade de aristocratas humanistas, em contato com os intelectuais burgueses que logo passam a transformar as suas conversações sociais em aberta crítica, rebentam a ponte existente entre a forma que restava de uma sociedade decadente, a corte, e a forma primeira de uma nova: a esfera pública burguesa. (HABERMAS, 1984, p.45).

É de tal período (século XVIII) que se tem uma valorização da privacidade, extraída, em parte, da estruturação da lógica urbanista. Vagarosamente, a arquitetura das casas começou a mudar, favorecendo uma espécie de “isolamento” dos membros familiares, ou seja, o espaço que antes servia de local de reuniões (sala de estar, salão, etc) diminui de tamanho, ao mesmo tempo em que aparecem divisões mais privativas, como os quartos, por exemplo.

Seguindo a evolução histórica, ainda no século XVIII, acompanhamos o conceito de esfera pública, que era atrelado, inicialmente, a discussões literárias, torna-se ligado à

discussão política de fato. Os salões e cafés, que serviam como um vasto campo para análise de obras artísticas, tornam-se espaços para reflexão sobre as práticas do Estado. Daí temos a formação da opinião pública, que passa então a debater e tecer comentários críticos contra políticas desenvolvidas pelo Estado, que, por sua vez, percebendo tal fato, absorve idéias para a construção das leis e práticas políticas.

No caso inglês, a formação deste mecanismo social é percebida, por exemplo, quando o parlamento abre espaço para um “partido de oposição”, e, vagarosamente, a imprensa assume um papel fundamental nas discussões políticas.

No caso francês, a noção de opinião pública esteve atrelada ao processo da Revolução. Antes dela, a elite nobre – que detinha o controle político do Estado – encobria todas as resoluções que julgava necessária. No momento posterior à revolução, institui-se, por vias judiciais, a obrigatoriedade de tornar público tudo aquilo que é de interesse público.

Os fisiocratas preconizam um absolutismo completado por uma esfera pública criticamente atuante; Rousseau quer democracia sem discussão pública – e ambos os lados pretendem o mesmo título: *opinion publique*. O significado desta torna-se, por isso, peculiarmente polarizado na França pré-revolucionária. Mas a própria revolução conjumina as duas funções contrapostas da opinião pública, a crítica e a legislativa. (HABERMAS, 1984, p. 122).

A idéia de mudança estrutural da esfera pública, que dá o nome ao título da obra do autor, tem a ver com o fato de a burguesia ter mudado a sua postura quando assumiu o poder. Se antes o Estado de direito burguês pregava a não intervenção no mercado, e vice-versa, quando chegam ao poder, os burgueses, transformados em capitalistas concentrados em grandes empresas, passam a desvirtuar e a romper as fronteiras entre o público e o privado. Nesse sentido, interesses privados dos burgueses passaram a ser absorvidos pelo Estado, havendo, portanto, uma privatização do público. Por outro lado, aspectos da vida privada

passaram a ser tratados em público – a publicização do privado. Esta inversão é vista como uma forma perversa de destruição da vida pública, na concepção de Habermas.

Segundo o autor, durante o século XIX há uma retomada da intervenção estatal no espaço público. Esta característica dá-se em virtude das novas formas de relação comercial e a uma necessidade latente de proteção às classes menos favorecidas do sistema econômico que então se estabelecia.

Através de leis e de medidas administrativas, o Estado intervêm profundamente na esfera de intercâmbio de mercadorias e do trabalho social, pois os interesses concorrentes das forças sociais se transformam em dinâmica política e, intermediadas pelo intervencionismo estatal, retroagem sobre a própria esfera. Examinando-se isso a grosso modo, a “influência democrática” sobre o ordenamento econômico não pode ser negada: a massa dos não-proprietários conseguiu, através de intervenções públicas no setor privado agindo contra a tendência à concentração de capital e à organização oligopólica, fazer com que a sua participação nos rendimentos do povo não pareça ter diminuído a longo prazo, mas, até a metade do nosso século, também não ter aumentado de modo essencial. (HABERMAS, 1984, p.176).

Ainda no século XIX, Habermas vê um outro importante fator para a percepção da mudança da esfera pública: a imprensa comercializada.

Só com o estabelecimento do Estado burguês de Direito e com a legalização de uma esfera pública politicamente ativa é que a imprensa crítica se alivia das pressões sobre a liberdade de opinião; agora ela pode abandonar a sua posição polêmica e assumir as chances de lucro de uma empresa comercial. Na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, uma tal evolução da imprensa politizante para imprensa comercializada ocorre mais ou menos à mesma época durante os anos 30 do século XIX. (HABERMAS, 1984, p. 216).

Para Habermas há uma possível utilização da imprensa para fins ideológicos, ou seja, para atender a interesses privados. Muda a relação entre a discussão pública e publicidade: “Enquanto antigamente a imprensa só podia intermediar e reforçar o raciocínio das pessoas privadas reunidas em um público, este passa agora, pelo contrário, a ser cunhado primeiro

através dos meios de comunicação de massa” (ibidem. pág. 221). No início do século XX, percebemos, também, em virtude da mudança funcional e estrutural da imprensa, uma “reformulação” do conceito de publicidade.

Outrora, ‘publicidade’ significa a desmistificação da dominação política perante o tribunal da utilização pública da razão; *publicity* subsume as reações de um assentimento descompromissado. À medida que se configura, mediante *public relations*, a esfera pública burguesa reassume traços feudais: os ‘ofertantes’ ostentam roupagens e gestos de representação perante clientes dispostos a segui-los. A publicidade imita aquela aura de prestígio pessoal e de autoridade supra-natural que antigamente era conferida pela esfera pública representativa. De uma refeudalização da esfera pública é preciso falar ainda em um outro sentido, mais restrito. A referida integração de diversão de massa e publicidade, que na configuração das *public relation* assume um caráter já ‘político’, submete ainda inclusive o próprio Estado. Já que as empresas privadas sugerem a seus clientes, nas decisões de consumo, a consciência de cidadãos do Estado, o Estado precisa ‘voltar-se’ a seus cidadãos como consumidores. Deste modo, também o poder público apela para a *publicity*. (HABERMAS, 1984, p. 229).

Tal transformação, juntamente com outras de caráter histórico, acabam por levar a uma profunda mudança estrutural, da esfera pública politicamente ativa. Há uma necessidade latente da formação de grupos ideológicos para dar vazão aos ideais e, conseqüentemente, ter uma maior eficiência. Daí consolida-se a prática da política partidária, tendo como principal objetivo um possível direcionamento da Opinião Pública.

Correlacionando a lógica de funcionamento da esfera pública burguesa com a lógica, muitas vezes corrompida, da publicidade, Habermas afirma:

Na mesma medida se modificaram também as formas hoje determinantes no exercício público do poder e do equilíbrio entre os poderes, de consenso e de conflito: um método de controvérsia pública que se imponha desse modo relaxaria exatamente tanto as formas obrigatórias do consenso obtido por pressão quanto podem abrandá-las as formas obrigatórias dos conflitos até agora escamoteados à esfera pública. Conflito e consenso não são, como a própria dominação e poder, cujo grau de estabilidade eles designam analiticamente, categorias através das quais a evolução histórica da sociedade possa passar sem deixar rastros. Na mudança estrutural da esfera pública civil, da ‘publicidade’/ publicidade burguesa pode-se

estudar como depende do grau e do modo de sua capacidade funcional saber se o exercício da dominação e do poder persiste enquanto uma constante também negativa da História – ou, então, sendo ela mesma uma categoria histórica, também é vulnerável a uma alteração substancial (HABERMAS, 1984, p. 290).

1.3 Esfera Pública contemporânea

John B. Thompson (1998), em “Ideologia e Cultura Moderna” propõe uma análise crítica aos argumentos de Habermas. Ele afirma que Habermas vincula o surgimento da esfera pública à Grécia Antiga. Entretanto, é somente na Europa dos séculos XVII e XVIII, com o desenvolvimento rápido das práticas capitalistas e o estabelecimento de um Estado Burguês que esta esfera toma forma. A esfera pública seria formada de vários indivíduos privados discutindo entre eles e as autoridades a condução do Estado. A princípio, está intimamente ligada aos debates literários. Com o surgimento e o avanço dos jornais, torna-se ligada à discussão política. Participavam, entretanto, de tal esfera, apenas os Educados e os Proprietários (no sentido estrito de posses materiais). Os frutos de tais debates resultariam na Opinião Pública.

Outra questão apontada por Habermas refere-se ao fato de que, com o avanço do intervencionismo estatal e das organizações industriais, a esfera pública se vê pressionada, e passa, conseqüentemente, por uma séria de transformações. A imprensa, que até então possuía um caráter político, transforma-se em um grande mercado, de caráter consumista cultural.

Thompson relaciona a comercialização da comunicação de massa às técnicas de “gerenciamento de opinião”. Os meios de comunicação de massa utilizariam essas técnicas para que fossem trabalhadas as imagens das autoridades políticas, de maneira direcionada a indivíduos privados. O autor tece críticas à noção de refeudalização da esfera pública; a concepção de receptores e emissores de informação; e a importância contemporânea da idéia de esfera pública.

Sobre a noção de refeudalização da esfera pública, Thompson mostra que, com os avanços das possibilidades de comunicação, torna-se inverossímil uma comparação com a teatralidade feudal.

O desenvolvimento da comunicação de massa criou novas possibilidades para a produção e difusão de imagens e mensagens, oportunidades que existem em tamanha escala e que são executadas de tal modo que impede qualquer comparação séria com as práticas teatrais das cortes feudais. (THOMPSON, 1998. p. 150).

Além disso, segundo ele, na era da comunicação de massa, o público não tem que se restringir a um determinado espaço, como acontecia na era feudal, para acompanhar um acontecimento.

Sobre a questão dos receptores (da informação), Thompson critica Habermas mostrando que estes não podem ser encarados de maneira passiva. Com o avanço das tecnologias de comunicação, têm-se mais informações e é criada uma capacidade crítica, não considerada por Habermas.

Thompson critica ainda a própria concepção de esfera pública, proposta por Habermas. Partindo de elementos históricos, mostra que o conceito proposto por ele falha em aspectos como opinião pública, descrição das instituições e o papel transformador da sociedade civil.

O próprio Habermas, a partir da década de 80 do século XX, faz uma série de revisões em seu pensamento e cria a idéia de ação comunicativa numa visão mais otimista. A sociedade contemporânea diversificou sua maneira de apresentar as críticas e as reivindicações alterando de forma significativa as interações. Vários movimentos avançam em seus argumentos e ações utilizando a Internet como principal veículo de articulação dos seus membros, por exemplo.

Além disso, a formação da Opinião Pública, tema caro para Habermas, revela que grupos, aparentemente sem poder na mídia tradicional, conseguem construir espaços alternativos de visibilidade e convencimento.

Vive-se um momento rico de instauração de novos espaços mediáticos, especialmente com o advento do mundo virtual.

2 O MUNDO VIRTUAL

Se a emergência dos meios de comunicação gerou debates acirrados sobre a degradação ou não da vida pública, as novas tecnologias também se tornam assunto cheio de controvérsias. O teórico francês Pierre Lévy (1999) é um dos mais emblemáticos da geração cibercultural. Suas obras trazem uma visão, além de vanguardista, otimista sobre o mundo virtual. Lévy aponta questões-chaves para a compreensão das mais recentes tecnologias de comunicação, entretanto, é tido por muitos como um visionário ao extremo, uma vez que problemáticas, decorrentes dos avanços tecnológicos, raramente são abordadas com maior amplitude em suas obras.

Com uma visão mais ampla, e dialogando com diversas áreas do conhecimento, Manuel Castells (1999) propõe uma nova abordagem ao fenômeno. Segundo o autor, estamos vivendo uma nova revolução, marcada, sobretudo, pela transformação da sociedade para o mundo virtual.

No Brasil, diversos teóricos também estudam o mundo virtual. Mônica Tavares (2002) aborda a conceituação de interatividade, demonstrando como essa se dá em dispositivos comunicacionais. Já Rousiley Maia (2002) ressalta a importância de dispositivos eletrônico (em especial a Internet) para o fortalecimento do processo democrático.

2.1 O surgimento da Internet

Para Manuel Castells (1999) estamos passando por uma nova revolução. Ele destaca, durante a história da humanidade, fatos significativos que culminaram em intensas transformações sociais. Segundo ele, estamos vivendo situação similar, que levariam a Revolução da Tecnologia da Informação.

No caso específico da comunicação, pontua eventos de grande expressividade: o surgimento do Alfabeto, por volta de 700 aC, na Grécia, que implica na diferenciação da tradição oral, para a escrita. Depois, passou-se para a “cultura audiovisual”, no século XX, com o surgimento do cinema, rádio e, posteriormente, da TV.

Segundo o autor, estes pontos são importantes para a compreensão do momento pelo qual estamos passando:

Uma transformação tecnológica de dimensões históricas está ocorrendo 2700 anos depois, ou seja, a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Ou, em outras palavras, a formação de um Supertexto e uma Metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. (Castells, 1999, p. 355).

Castells sugere que, dentro de alguns anos, esta revolução alcançará todos os segmentos da sociedade. Há, claro, a consciência de que o acesso à tecnologia ainda não é totalmente difundido, entretanto, o autor vislumbra a possibilidade que o fato se concretize dentro em breve, mudando assim diversos aspectos da sociedade.

Para o surgimento da Internet, Castells faz questão de ressaltar a importância da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a DARPA (década de 70). Ele explica que este foi o órgão estatal norte-americano responsável por transformar a estrutura tecnológica e estabelecer uma era da informação em grande escala. Envolto no clima da Guerra Fria, a DARPA (subordinada aos órgãos militares) resolveu criar uma grande rede na qual pudesse, de maneira segura, distribuir as informações em diversos centros informacionais, evitando assim a possível tomada destas informações pelos Soviéticos, caso estivessem todas concentradas em um único ponto. Surge então – a partir do desenvolvimento de uma idéia de Paul Baran, da *Rand Corporation* – a ARPANET (uma referência ao DARPA). A rede, a princípio, era voltada apenas para a concentração das

informações militares. Vários cientistas, entretanto, começaram a usá-la como uma ferramenta de comunicação. A partir de certo ponto, não mais era possível separar as pesquisas militares das conversações científicas e as pessoais. A partir de 1983, houve então a criação de uma nova rede, a MILNET, que, por sua vez, concentraria o conteúdo voltado para pesquisas militares, deixando a ARPANET exclusivamente para os cientistas. Paralelo ao fato, a Fundação Nacional da Ciência, dos EUA, desenvolvia a CSNET (rede de pesquisas) e, junto a IBM, a BITNET, para matérias não científicas. Todas estas redes foram se desenvolvendo ao longo da década de 80 dando origem à ARPA-INTERNET, que, posteriormente, ficou conhecida apenas como INTERNET. Naquele momento (década de 80) a rede ainda era mantida pelo Departamento de Defesa, e operada pela Fundação Nacional de Ciências dos EUA.

Castells mostra também que, de maneira paralela ao desenvolvimento da rede, surge um movimento de contra-cultura dos usuários. Esta seria uma resposta à elitização e restrição do uso da Internet apenas ao governo. Assim, surgem meios diversos, pelos quais, sobretudo os universitários, tentam expandir a rede para a utilização em escala global. Os *Hackers*, que no momento não eram vistos de maneira pejorativa, carregam consigo a utopia da expansão da informação. Através de pequenas ações, a Internet se desenvolveu e alcançou uma escala global.

2.2 A possibilidade virtual

Pierre Lévy (1999) discute o conceito e o significado da palavra virtual. Lévy começa sua explicação mostrando a raiz etimológica da palavra.

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que

existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (LÉVY, 1999, p 15).

A partir de tal conceito, o autor compreende a virtualidade como um complexo problema, em que o seu papel seria, contrapondo-se ao atual, o de gerar uma possibilidade de algo que existirá. Daí tem-se a realização (ou ocorrência de algo já pré-definido) e a atualização (invenção de uma solução para uma problemática). Segundo Lévy (1999), a virtualização – enquanto processo dinâmico – seria o inverso da atualização, ou seja, virtualizar seria considerar um objeto sobre a problemática que o constitui, e não apenas não o considerá-lo como real.

Para exemplificar, Lévy (1999) utiliza uma empresa como exemplo: tomemos como base a concepção clássica de organização que tem seus empregados trabalhando em um ambiente físico, durante um determinado período de tempo. A virtualização dessa empresa consistiria em captar a essência das atividades e desenvolvê-las sem que necessariamente existisse uma relação espaço-temporal, ou seja, com programas de computador e Internet, os empregados continuariam fazendo suas funções (essência) sem que necessariamente se encontrassem em um determinado espaço físico e no mesmo horário.

Segundo Pierre Lévy (1999), dois pontos são centrais nesse assunto: o desprendimento do aqui e do agora.

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente não é mais um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de ‘não-presente’, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizade. (LÉVY, 1999, p 20).

Quando há uma virtualização, há uma desterritorialização. Entretanto, ainda assim se tem um suporte emissor. Serres aponta a memória, a imaginação, o conhecimento e a religião como vetores do virtual, que existem bem antes da era da informatização e das redes digitais. O virtual, porém, nos coloca uma série de questões: unidade de tempo sem unidade de lugar; continuidade da ação apesar de uma duração descontínua. Posteriormente, o autor discute as alterações significativas da relação tempo-espço.

Assim que a subjetividade, a significação e a pertinência entram em jogo, não se pode mais considerar uma única extensão ou cronologia uniforme, mas uma quantidade de tipos de espacialidade e de duração. *Cada forma de vida inventa seu mundo* (do micróbio à árvore, da abelha ao elefante da ostra à ave migratória) e, com esse mundo, um espaço e tempo específicos. (LÉVY, 1999, p 22).

Analogicamente, o autor mostra qual seria o impacto causado pela internet e a virtualização. Teríamos uma reconfiguração de fatores como cartografia, noção de distância e proximidade de culturas. Para Lévy (1999), a virtualização está em sintonia com a mobilidade física do mundo contemporâneo. Ele usa o exemplo do turismo que, hoje, é uma das maiores indústrias mundiais. Somos uma sociedade de nômades, a velocidade dos meios de comunicação, assim como sua relação com o tempo, reflete isso. Mas o autor não vê somente pontos positivos na virtualização. Além da desterritorialização, ele destaca outras questões.

(...) um outro caráter é freqüentemente associado à virtualização: a passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior. Esse efeito *Moebius* declina-se em vários registros: o das relações entre público e privado, próprio e comum, subjetivo e objetivo, mapa e território, autor e leitor, etc. (LÉVY, 1999, p. 24).

Para concluir o argumento, ele usa a analogia da empresa virtual. Se na empresa física, no local de trabalho, o empregado tinha seu espaço privado, com a virtualização muda-se essa concepção. A partir do processo, não há mais essa barreira.

2.3 Interatividade e democracia estimulados na Internet

Dispositivos interativos são todos aqueles em que é possível um processo de resposta e perguntas imediatas. Somente quando há um estímulo e uma resposta imediata, podemos chamar de interacional.

Para Mônica Tavares (2002) interatividade é:

(...) uma qualidade própria das NTC (Novas Tecnologias de Comunicação) que garante a conversabilidade dos dados sob forma numérica; assegura a comutação da informação e, desse modo, garante ao receptor a possibilidade de intervir instantaneamente sobre a mensagem, ao atualizar aos estados possíveis de sua matriz operacional. (TAVARES, 2002, p.39).

Tavares (2002) afirma que o conceito de interatividade surgiu com Ivan Sutherland, quando esse propôs, em sua tese de doutorado, o *sketchpad*, um dispositivo que permitia ao usuário desenhar, sobre um tubo de raios catódicos, figuras utilizando uma caneta de luz. Ela também parte da conceituação de interatividade proposta por Weissberg, que indica dois axiomas.

(...) de um lado, referida a partir de uma autocomunicação (em que a informação é dirigida ao próprio receptor e o programa funciona com estimulador da composição do papel a ser por ele desempenhado); e do outro, estabelecida com base em uma metacomunicação (já que, ao atualizar os programas concebidos por outros, o receptor passa a fabricar os seus próprios programas). (TAVARES, 2002, p.40).

Desenvolvendo o argumento, Tavares distingue – com base na teoria proposta por Pierre Lévy – cinco níveis diferentes de interatividade:

(a) Primeiro nível: há uma apropriação e personificação das mensagens, ou seja, é possível que elas se apresentem nas formas Linear (música), em rede (hiperdocumentos), em fluxo (reagem perante um estímulo do usuário) e em mundo virtual;

(b) Segundo nível: há a reciprocidade, em que são possíveis as relações um-todos, um-um, todos-todos;

(c) Terceiro nível: há o pólo de virtualidade, ou a possibilidade de resposta imediata;

(d) Quarto nível: há possibilidade de veiculação da imagem do usuário;

(e) Quinto nível: há telepresença ou a projeção do usuário em outro ambiente.

Os dispositivos *informacionais em rede* constituem – assim como enciclopédias, bibliotecas, etc – grandes documentos, ou hipertextos. Já os dispositivos *informacionais em fluxo* apresentam os dados em contínuo processo de mudança, ou seja, são constantemente alterados pelo receptor, mediante estímulos. Quanto aos *dispositivos comunicacionais*, a autora destaca o caso um-um, ou a relação recíproca entre interlocutores e a categoria todos-todos, ou a possibilidade da construção de um texto comum, perante a cooperação de todos os participantes.

Tavares (2002) destaca que essas categorias são causa da ampliação considerável das possibilidades de diálogo na mídia. Ela também desenvolve os conceitos de interação *trivial* e *não trivial*; *de seleção* e *de conteúdo*; e *simulada* e *real*. Na categoria *trivial* e *não trivial*, a primeira se constitui como uma interação advinda apenas do potencial inerte na própria obra, já na segunda, há uma reapropriação de recursos presentes fora do objeto.

No que diz respeito à categoria *seleção* e *conteúdo*, a primeira aponta uma possibilidade constituída pela livre escolha de caminhos feita pelo receptor, em que o resultado pode ser um caminho inédito. Na segunda, as únicas possibilidades de caminhos a serem seguidas pelo receptor estão pré-definidas pelo próprio sistema.

Tavares (2002) explica que, no caso da categoria *simulada* e *real*, a primeira aponta uma interação entre o receptor e um dispositivo, e pode ser “fraca” (quando o dispositivo apenas obedece ordens) ou “forte” (quando o programa retorna com outros estímulos para que

a interação aconteça). Na segunda categoria, tem-se a interação entre dois receptores, intermediada por uma interface numérica.

A partir da combinação de todas essas possibilidades, Tavares (2002) define os diferentes graus – e possibilidades estruturais – de interatividade. Ela destaca a questão do *feedback*, ou retorno, segundo o qual o processo de interação mediado por dispositivos eletrônicos funciona como uma via de mão dupla, em que há o ato de estímulo e resposta constante, perante o qual se constitui todo o processo. Com esses dispositivos, por exemplo, constrói-se a arte eletrônica, em que tudo se constitui a partir de estímulos e respostas entre o artista e o dispositivo.

As novas tecnologias de comunicação vêm colaborando com o fortalecimento do processo democrático. Em diversos meios (*chats*², e-mails, sites) a ação política pode alcançar uma maior efetividade.

Para o fortalecimento da democracia, é necessário que haja uma relação entre a disponibilidade dos cidadãos, no que diz respeito a seus interesses e motivações, e estruturas comunicacionais eficientes e instituições propícias à participação do processo. Rousiley Maia (2002) entende esfera pública como um campo para debates, que, por sua vez, não se encontra inserido *in loco* na arena das discussões políticas. Ela focaliza também, dentro dessa perspectiva, a importância dos debates informais.

A comunicação informal, que se desdobra livremente entre indivíduos e comunidades, fora das arenas políticas formais, deve ser vista como recurso importante para a interpretação produtiva de preocupações políticas e formulações de demandas a serem enviadas aos corpos administrativos e deliberativos do sistema político. (MAIA, 2002, p.111).

A Internet, enquanto campo para discussões políticas, é um espaço com novas possibilidades, em que os debates democráticos extrapolam os limites do Estado Nação,

² Salas de bate-papo.

tomando proporções globais. Maia (2002) levanta questionamentos sobre centralização do poder e a possibilidade do acesso.

Colocar a questão simplesmente nos termos *a internet é um instrumento de democratização* pode levar a diversos equívocos. Em primeiro lugar, se as novas tecnologias podem proporcionar um ideal para a comunicação democrática, oferecendo novas possibilidades para a participação descentralizada, elas podem, também, sustentar formas extremas de centralização do poder. No mercado, empresas com produção em larga escala e provedores disputam o controle desses meios e vedem serviços e produtos num mundo virtual rápido, quase sem fronteiras. Isso fortalece o grupo das elites transnacionais e pode beneficiar a expansão de grupos de orientação antidemocrática. (MAIA, 2002, p.108).

Maia (2002) cita os estudos de Anthony Wilhelm (2000) sobre a exclusão digital. Segundo ele, existem vários níveis de acesso, que vão desde de os cidadãos que têm acesso pleno à rede, e a utilizam em potencial como um campo de debate político, passando por usuários que a utilizam, porém como um meio de entretenimento, chegando até aos cidadãos que nunca tiveram um contato com os dispositivos de acesso a rede.

Para Maia (2002), mesmo com um grande acesso à internet, a efetividade do processo democrático, sobre a perspectiva da discussão no mundo virtual, depende de outros fatores, sendo a vontade política o mais relevante destes, ou seja, o acesso amplo aos dispositivos tecnológicos – internet – não implica necessariamente a um cidadão a sua participação em debates políticos, seja por sua incapacidade sócio-cultural de participar, ou de sua não vontade de tal participação.

O debate político na Internet, segundo Maia (2002), tem características relacionais tipicamente encontradas na *web*. Pode-se ter uma variedade de modos de discurso, desde a relação pessoal com finalidade de troca de confidências, até a formação de uma grande comunidade virtual, formada por cidadãos de todo o mundo, para discussão de problemas políticos globais. Dentro dessa lógica, Maia (2002) aponta um fator de extrema relevância: a

possibilidade do anonimato. Se na sociedade civil – física – diversos cidadãos são excluídos do debate político em virtude de preconceitos (sociais, culturais, e políticos, etc), na web, o anonimato possibilita a estes uma participação efetiva. Em um ambiente livre do preconceito, do medo e da repressão, pode-se ter mais pontos de vista, e assim fortalecer o debate democrático.

3 DA CARTA À CRIAÇÃO COLETIVA

A fim de relacionar as teorias propostas nos capítulos anteriores a situações empíricas da web, desenha-se, a diante, um esboço representativo da vasta gama de possibilidades encontradas na internet. Há vicissitudes, claro, entretanto serão levados em consideração exemplos concretos – e baseados nas categorias propostas – para uma análise sobre as possibilidades de interação dadas pelos dispositivos comunicacionais da web.

Analisaremos os sistemas de e-mail, o Blog do Tás, o site Último Segundo e o site Overmundo. Cada qual detem particularidades típicas, entretanto, interessa-nos apenas uma análise mais pragmática sobre o aspecto da interação. Claro, muitas vezes fazem-se necessárias referências sobre linguagem e construção textual, porém, estes não são os focos das análises.

Abaixo uma explanação mais geral sobre características que serão utilizadas para análise de cada objeto empírico:

Interatividade: como funciona o diálogo entre os atores envolvidos no dispositivo. Quais as ferramentas este disponibiliza para o usuário.

Texto: qual – e como – a informação é disponibilizada ao usuário.

Extensão: qual o tamanho do espaço destinado a informação e/ou conteúdo disponibilizado.

Ressonância: Como o usuário responde, dentro do próprio dispositivo, aos estímulos da mensagem. Aqui cabe também uma análise ao número de acessos.

Assinatura: Qual a proveniência dos estímulos. Nessa categoria cabe também uma análise do anonimato.

Debate: Analisar se a interatividade dos usuários contribui de fato para a construção de um debate.

É a partir de tais características, que se desenhará um quadro de análises dos objetos. Devido à pluralidade de elementos, cada dispositivo terá, antecedendo a categorização, um breve histórico, partindo de uma descrição mais ampla, para o caso específico a ser analisado.

3.1 Sistemas de e-mail

Talvez, de todas as ferramentas disponíveis na web, o sistema de e-mail seja o mais utilizado por usuários de todo o mundo. Os e-mails se popularizaram como um meio rápido de enviar mensagens, com o diferencial de agregar, à correspondência, diferentes tipos de arquivos como sons, imagens, textos, entre outros. Embora use uma lógica diferente à dos demais objetos de análise, o estudaremos por se tratar também de uma possibilidade da web.

A velocidade também é uma de suas características. Enquanto uma carta pode demorar dias, ou até mesmo semanas, para chegar a seu destinatário, os e-mails chegam de maneira instantânea em qualquer parte do mundo. Esta, por si só, já é uma transformação no processo de correspondência.

Em sua essência, guardam a mesma lógica das cartas. Quase sempre são enviados de uma pessoa à outra. Podem, entretanto, ser enviados de uma organização a diversas pessoas, ou, ao contrário, de uma única pessoa para um grupo. Fato é que, ao abrir sua caixa de entrada (local onde estão armazenados os e-mails), o usuário lê a correspondência de maneira individual.

Os e-mails também são a forma mais específica de relacionamento indivíduo-indivíduo no mundo virtual. Quando se quer enviar uma mensagem a outro usuário, sem que mais ninguém tenha acesso a ela, envia-se um e-mail. Aqui, vale retomar, dentro da proposta teórica de Jürgen Habermas – já apresentada no primeiro capítulo –, a noção de valorização da privacidade. Segundo o autor, é no século XVIII, em virtude dos processos de urbanização,

que se começa a ter uma noção do íntimo. Nos sistemas de e-mail temos tal possibilidade. Assim como em uma estrutura de alguma casa, duas ou mais pessoas podem se relacionar sem a observação de terceiros. Há, claro, a possibilidade de desvios a essa lógica, como atividades de *hackers*. Entretanto, até mesmo na intimidade do lar podem se encontrar diferentes tipos de violação.

De fácil uso e desenho simples, existe uma infinidade de servidores que oferecem o serviço de forma gratuita. A lógica é simples: um usuário escreve um texto em um campo pré-definido, preenche um campo de endereço com o e-mail do destinatário, preenche um campo específico para assunto e envia. Pode-se, ainda, acrescentar outras pessoas ao processo. O usuário pode enviar a mensagem com cópia para outros endereços de e-mail e esta cópia pode também ser enviada de maneira oculta (sem que outros usuários saibam para quem foi enviada a cópia).

Os e-mails, geralmente, contêm cabeçalho informando o remetente, data, hora e demais endereços para os quais o e-mail foi enviado.

A screenshot of an email composition interface. It features four input fields stacked vertically, each with a small envelope icon to its left. The fields are labeled 'Para:', 'Cc:', 'Cco:', and 'Assunto:'. Below these fields is a horizontal toolbar with various icons for text formatting, including bold, italic, underline, strikethrough, text color, background color, bulleted list, numbered list, and alignment options.

exemplo de campo de preenchimento para envio de e-mail.

3.1.1 Interatividade

Está é uma característica facilmente perceptível nos e-mails. De maneira fácil e rápida é construído o processo de interação entre usuários através dos sistemas de e-mail. A lógica é simples: um e-mail é enviado, podendo ser respondido instantaneamente. Ele poderá ainda ser

respondido apenas para quem o enviou, ou para todos que também o receberam. Pode-se ainda encaminhar o e-mail para terceiros.

Aqui retomemos, de acordo a teórica Mônica Tavares (2002), as possíveis formas estruturais e ontogênicas de interatividade. Através de um e-mail, encontramos claramente o segundo nível de interatividade: há reciprocidade em que são possíveis as relações um-todos e um-um.

3.1.2 Texto

Não há limitações para tipos específicos de texto, podem ser comerciais, publicitários, humorísticos, íntimos, formais ou não formais, entre outras possibilidades. Analisar, em termos estatísticos, quais os tipo mais recorrentes seria virtualmente impossível. Vale, entretanto, saber que os sistemas de e-mail suportam diferentes tipos de mensagens.

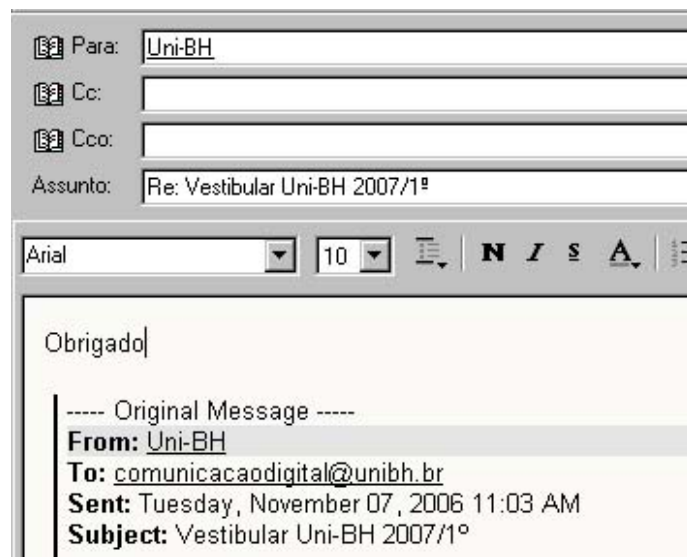
3.1.3 Extensão

A construção textual de e-mails geralmente absorve a mesma lógica dos demais textos para mídia digital. Rápidos e objetivos, são escritos para serem lidos como bilhetes. Há casos em que estes são maiores. Assim como nas cartas, é impossível saber qual a extensão média. Entretanto, em virtude da linguagem própria dos meios digitais, e a própria limitação de caracteres dos provedores, estes acabam por se configurarem como não muito extensos. O espaço destinado para o envio de e-mails quase sempre é imensurável. Como apontado no tópico anterior, a extensão está, quase sempre, subordinada ao meio. Tem-se o ganho da possibilidade de envio de anexos. Assim, pode-se ainda mandar a um destinatário um livro, um filme, ou diversas músicas em apenas uma mensagem.

3.1.4 Ressonância

Não obrigatoriamente responde-se um e-mail ao recebê-lo. Mas, se assim o quiser, o usuário pode responder de maneira instantânea, utilizando inclusive o e-mail anterior.

A mensagem pode ainda ser encaminhada a outro usuário, podendo ter ou não informações (cabeçalho) sobre o envio da mensagem original.



Acima um exemplo de resposta de e-mail. No corpo da mensagem, a identificação da mensagem original

3.1.5 Assinatura

A maioria dos e-mails é assinada. O próprio cabeçalho indica a proveniência das mensagens. Entretanto, não há uma obrigatoriedade de correspondência entre a mensagem e uma pessoa específica. Como para criar um e-mail não há nenhuma restrição, nunca se sabe qual a identidade do remetente. Dessa maneira, pode-se ter uma identidade falsa, ou, na verdade, criação de uma identidade fictícia.

3.1.6 Debate

Por se tratar de um mecanismo de correspondência pessoal, torna-se difícil precisar quais os temas mais recorrentes. Tem-se apenas que considerar-se como possibilidade um e-mail desencadear um debate mais extenso. Este pode também ser acompanhado por demais usuários que estejam incluídos na lista de destinatários, ou receberem e-mails encaminhados. Como não há um limite para respostas, a possibilidade é inesgotável.

3.2 Blog do Tás

Os blogs são uma espécie de site pessoal da Internet, em que o proprietário – ou proprietários algumas vezes – tem a liberdade de atualizar seu conteúdo de maneira fácil e direta. Esses serviços estão disponíveis ao público de maneira gratuita, entretanto, em algumas ocasiões, o serviço pode ser cobrado.

Atualmente os blogs têm sido usados por diversos veículos de comunicação como uma possibilidade de extensão de seus processos comunicacionais. Mais comum ainda – dentro dessa lógica – é a utilização de tal ferramenta por certos profissionais. Alguns blogs, como o do jornalista Ricardo Noblat, podem chegar a ter 500 comentários por postagem de mensagens. Outros tantos ainda se mantêm no anonimato. Fato é que, tal ferramenta passa a ter uma função bem específica, semelhante a das Colunas da mídia impressa, agregando a si vantagens como velocidade, abrangência e objetividade.

Retomemos aqui Rousiley Maia (2002) e sua idéia sobre o mundo virtual como uma possibilidade de espaço democrático. Dois pontos são de extrema importância: o alcance global, e a importância das conversas informais. No caso do primeiro ponto, é possível, dentro do universo dos blog, lermos publicações de pessoas de qualquer parte do mundo. Muitos veículos de comunicação – e outras instituições – estrangeiros indicam a leitura dos blogs de seus funcionários. O segundo ponto é, talvez, o mais perceptível. Na categoria texto,

percebemos a informalidade dos blogueiros, e a repercussão de tal fato como uma possibilidade de construção de um espaço democrático.

Aqui encaixamos também a proposta de Habermas sobre opinião pública. São nos mecanismos de interatividade, sobretudo no sistema de comentários, que encontramos o espaço aberto para a formação de discursos distintos sobre um mesmo assunto. Há regras, entretanto, estas não impedem que sejam manifestados os mais diversos pontos de vista sobre um mesmo objeto de discussão.

No caso do jornalista Marcelo Tás (<http://marcelotas.blog.uol.com.br>), o blog passa a ter um atrativo a mais, o humor. Figura conhecida da comunicação nacional, ele tem a oportunidade de abordar assuntos diversos em sua publicação digital. No próprio site da Uol (provedor de seu blog) há um breve currículo:

Marcelo Tás é diretor, apresentador e roteirista de TV. Participou da criação de alguns programas inovadores na televisão brasileira. Entre eles: "Rá-Tim-Bum", "Castelo Rá-Tim-Bum" e "Vitrine" na TV Cultura de São Paulo e "Programa Legal", na TV Globo.

Tás é um dos membros fundadores da produtora independente "Olhar Eletrônico", pioneira na renovação da linguagem televisiva dos anos 80 - onde ele dirigiu e interpretou o repórter ficcional "Ernesto Varela".

Atualmente, Tás apresenta o programa "Saca-Rolha", juntamente com o cantor Lobão e a modelo Mariana Weickert na Rede 21.

Marcelo já foi agraciado com vários prêmios no Brasil e exterior. Entre eles, a bolsa para cinema e TV da Rockefeller McArthur Foundation e também com o prestigioso Fulbright Scholarship Award, ambos dos Estados Unidos. (<http://www.uol.com.br>)

Sobre o caráter das mensagens postadas por Tás em seu blog, percebemos que, em sua maioria, tratam-se de temas atuais, sobretudo os políticos. Por ser o blog uma ferramenta de fácil atualização, têm-se as postagens bem próximas – temporariamente – ao acontecimento dos fatos.

Pelo seu passado como jornalista, percebemos que há, até determinado ponto, uma proposta de transmissão séria das informações. Não podemos, entretanto, tomá-la como uma

proposta jornalística. Tanto pela linguagem, como pela variedade de temas – algumas vezes não factuais – o blog se transforma em uma ferramenta de uso pessoal do jornalista. Tás é, ao mesmo tempo, editor, redator e dono da publicação. Isso faz com que a proposta, embora siga uma boa lógica e coerência no que toca as mensagens transmitidas, fique a mercê de seu ponto de vista, fugindo, por completo, do jornalismo tradicional e apontando para o opinativo.

Também cabe ressaltar a pluralidade de temas na proposta. A diversão e o entretenimento são recorrentes. O debate proposto não fica apenas no campo da política. Arte, acontecimentos interessantes e assuntos diversos estão sempre na pauta de discussão. De experiências pessoais, da época em que era apresentador de programas humorísticos na TV, a debates sobre fatos de pouca relevância político social, encontramos uma vasta gama de assuntos.

Sobre a forma, percebemos que não há uma sofisticação na construção visual. Mas, o blog oferece recursos extras, geralmente não encontrados em outros blogs, como podcasts e vídeopodcasts. Há postagem de mensagens praticamente todos os dias. Tais mensagens são arquivadas de 15 em 15 dias, ficando expostas para navegação através de *links* no lado esquerdo da publicação, ou seja, qualquer mensagem, postada desde o início do blog pode ser acessada pelos usuários.

Indique este blog para seus amigos **RSS** [O que é isto?](#)

03/11/2006

E se todos os brasileiros começassem a obedecer as leis?

A tal operação "padrão" que paralisa os aeroportos brasileiros levanta uma importante questão: e se de uma hora para outra todos brasileiros, em todas as profissões começassem a obedecer todas as leis, todos os padrões de segurança, o que aconteceria com o país?

Vivíamos a Suíça ou comibiríamos definitivamente para o barbárie?

MEU HUMOR: seriíssimo
 SITE: www.marcelotas.com.br
 E-MAIL: marcelotas@uol.com.br

enquete
 Qual o significado da vitória de Lula?
 Ele é o melhor
 Ele é o menos pior
 Foi uma derrota da mídia que queria o Geraldo

Pluralidade de temas e recursos é uma constante

3.2.1 Interatividade

O desenho proposto no Blog vai além dos demais blogs. Nele podemos encontrar as seguintes ferramentas:

Busca: Há uma opção de procura para assuntos do próprio site.

Comentários: Na região editável, o blog se assemelha aos demais, com espaço para postagem do autor e região para comentários. Acresce-se apenas mais duas ferramentas. “Envie esse comentário”, possibilitando a indicação da postagem para outra pessoa, e regras.

Abaixo o texto visualizado:

O espaço de comentários do Blog do Tas pode ser moderado. Não serão aceitas as seguintes mensagens:

que violem qualquer norma vigente no Brasil, seja municipal, estadual ou federal;
 com conteúdo calunioso, difamatório, injurioso, racista, de incitação à violência ou a qualquer ilegalidade, ou que despreze a privacidade alheia;
 com conteúdo que possa ser interpretado como de caráter preconceituoso ou discriminatório a pessoa ou grupo de pessoas;
 com linguagem grosseira, obscena e/ou pornográfica;
 de cunho comercial e/ou pertencentes a correntes ou pirâmides de qualquer espécie;

que caracterizem prática de spam;
anônimas ou assinadas com e-mail falso;
fora do contexto do blog.

O UOL

não se responsabiliza pelos comentários dos frequentadores do blog;
se reserva o direito de, a qualquer tempo e a seu exclusivo critério, retirar qualquer mensagem que possa ser interpretada contrária a estas Regras ou às normas legais em vigor;
não se responsabiliza por qualquer dano supostamente decorrente do uso deste serviço perante usuários ou quaisquer terceiros;
se reserva o direito de modificar as regras acima a qualquer momento, a seu exclusivo critério.

Enquete: Com temas relevantes e atuais, geralmente discutidos pelo próprio jornalista.

Na enquete além de votar, é possível ver o resultado.

E-mail: Há um link com o endereço de e-mail.

Fotos: Diversas, que vão de acontecimentos marcantes a trabalhos digitais de webartistas. Em geral todas as mensagens contam com o complemento da fotografia.

VEJA esconde o "outro lado"

BLOGUEIRO CHAPA BRANCA

O engenheiro Marcelo Tas já foi radialista, produtor, jornalista e humorista. Agora é blogueiro chapa branca. Tas defende o lobby que Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, faz no governo de seu pai. Também apregoa que os 15 milhões de reais colocados pela Telemar na empresa de Lulinha foram só "dinheiro de amendoim". A defesa não sai de graça: Tas recebe salário da empresa de Lulinha.

1982	1994	2004	2006
Tas ingressa na produtora Olhar Eletrônico, na qual cria o repórter Ernesto Varela, personagem que fazia perguntas desconcertantes a personalidades e políticos.	Apresenta e dirige programas na TV Cultura, como Rá-Tim-Bum, Castelo Rá-Tim-Bum e Vitrine.	Insere seu Blog do Tas, um quadro de piadas, no Jornal da Cultura.	Lulinha lhe dá uma boquinha. Tas passa a aparecer na PlayTV, emissora da qual o "primeiro-filho" é sócio.

Fontes: www.marcelotas.com.br e www.blogdotas.com.br

Marcelo Tas, heje: empregado de Lulinha e traídor de Ernesto Varela.

Depois que Veja atacou infantilmente- desculpem novamente essa, crianças- esse blog com mentirinhas maldosas na semana passada, alguns colegas jornalistas me procuraram em solidariedade mas avisaram: se quiser mande a carta com o desmentido, mas saiba desde já que eles não vão publicar.

Fotos são normalmente utilizadas como complemento para as mensagens

Humor: Uma animação, intitulada Meu Humor, aponta qual o humor do jornalista no dia.

Indicação: Um link permite que se indique o blog para um amigo.

RSS: Ferramenta que permite ao usuário, sem estar no site, receber informações sobre novos posts sobre assuntos específicos.

Site: Link que direciona o usuário para o site de Marcelo Tás (www.marcelotas.com.br).

Vídeos: Dispostos ao lado esquerdo do blog, estão disponíveis diversos vídeos, com a opção de rever versões passadas. Também encontra-se nessa região, link para *Videopodcast* (dispositivo que permite a transmissão de vídeo pela web. Todas as atualizações de interesse do usuário aparecerão em sua tela no exato momento que forem postadas na web). Os vídeos podem também ser encontrados dentro dos próprios textos.

Voluntariado: No próprio blog há links para instituições diversas que prestam serviços de assistência social.

Retomando os estudos de Mônica Tavares (2002) sobre interatividade, percebemos no blog a possibilidade de alcance do quarto nível. No que diz respeito à apropriação e personificação da mensagem, temos uma estrutura de rede, em que diferentes temas estão *linkados* a recursos diversos do próprio blog, e de toda a web. No que diz respeito à reciprocidade temos todas as possibilidades (um-todos, um-um, todos-todos). O terceiro nível é indicado pela possibilidade da resposta imediata. Já no quarto, através de *Videospodcast*, a possibilidade de projeção da imagem do usuário em outro ambiente, inclusive em tempo real.

3.2.2 Texto

As mensagens encontradas no blog têm uma ampla variação temática. Entretanto, encontra-se na política o tema mais recorrente. Cada texto tem, em média, três parágrafos.

A linguagem usada pelo jornalista é a típica dos blogs. Mais solta, com bastantes recursos de linguagem a postagem das mensagens, vale-se, sobretudo, da liberdade peculiar à comunicação digital. O uso constante de ironia – e recursos lingüísticos – aproxima sua publicação da linguagem falada e ao humor inteligente.

O fato reflete-se nos comentários, espaço em que também utilizam-se tais recursos. Geralmente, quando se tem divergências nos pontos de vista, há espaço para a utilização de

ironia, sarcasmos e até mesmo afrontações públicas. Há o uso abusivo das interrogações e exclamações como viés para indução a crítica do leitor. Tás também abusa da ironia e da criatividade. Com títulos pequenos e instigantes, prende a atenção e introduz o tema de maneira direta. É nesse momento que o jornalista abusa dos recursos multimidiáticos da web. Fotos, vídeos e sons são encontrados no corpo do texto, sempre havendo indicação da fonte de origem.

Abaixo um trecho extraído de comentário (28/10/06) postado por Marcelo Tás no período que antecedeu as eleições presidenciais, intitulado A Vitória dos Indecisos.

No meu curto tempo de vida, esta é a primeira eleição que presencio com tantos indecisos. Não daqueles que saem nas pesquisas. Que não sabem ainda em quem votar. Mas daqueles que mesmo sabendo em quem vão votar, votam com pouca convicção. Sem paixão. Sem saber se estão fazendo a coisa certa. Acalmem-se, aloprados de ambos os lados. Sim, sei que existem vocês. Homens-bomba pronto para explodir em orgasmos múltiplos ao ler a cantilena sonolenta anti-FHC de Emir Sader em Carta Maior; ou um post kilométrico de Reinaldão Azevedo, franco-atirador-blogueiro de Veja. Muitos de vocês passam por esse blog diariamente para me "xingar" de tucano ou de "anti-tucano", a favor de Lulinha. Vocês, que não enxegam nada além do branco e preto, sabem perfeitamente que estão votando no candidato certo. Por isso estão errados.

A beleza dessa crise de credibilidade é a morte de Dom Sebastião, aquele ungido por deus que viria para nos salvar. Luis Inácio foi o último dos moicanos. Não é mais virgem em honestidade. Seus "cumpanheiros" aloprados, sem ele saber, fizeram a maior demonstração já exposta com provas documentais de uso do dinheiro público e privado para tomar posse de uma nação. Por seu lado, Geraldo, o bom menino de Pinda, escorregou em vários tomates para explicar onde sua tão propalada eficiência estava quando eclodiram as Febems, o crime organizado e os "alopradados" tucanos que cavaram escândalos na reta final e santinhos do pau ôco como Álvaro Dias, o muso da peruca mais assídua dos holofotes das CPIs.

3.2.3 Extensão

No veículo estudado, a informação, através das mensagens enviadas, fica em destaque. As mensagens se alinham de maneira vertical na página. É ocupado um grande espaço, em

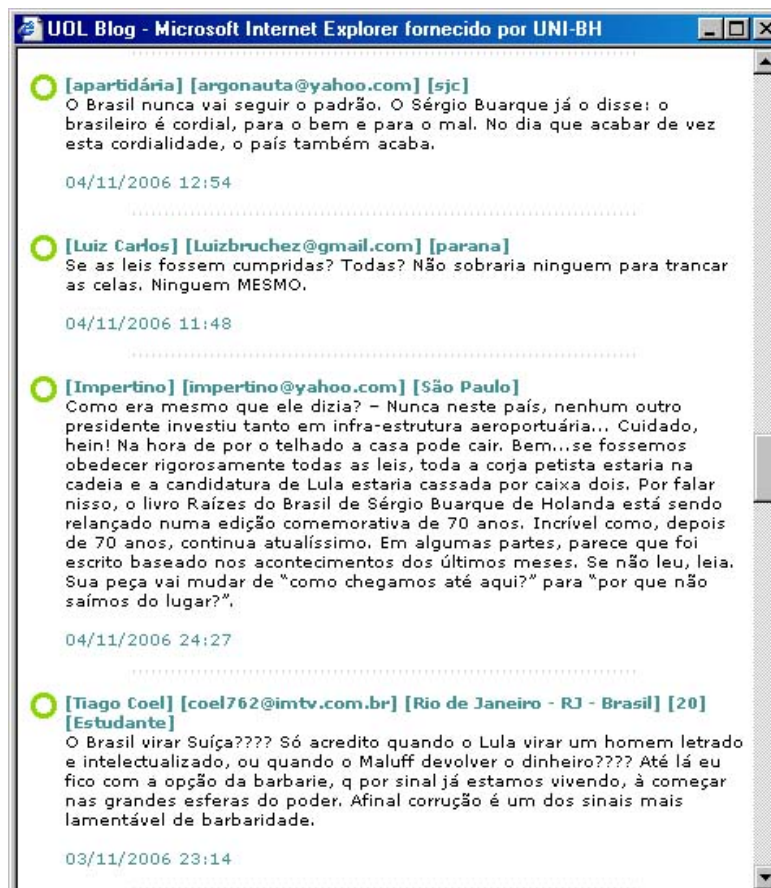
média a tela cheia. Arquivadas de 15 em 15 dias, são facilmente visualizadas do lado esquerdo da página.

3.2.4 Ressonância

A primeira mensagem enviada pelo jornalista data de 1º de fevereiro de 2004. Desde então, segundo o contador de acessos do blog, foram feitos mais de 600 mil acessos.

Os comentários, com média de um parágrafo (é cedido o espaço de mil caracteres), não ficam expostos na página principal. Para visualizá-los abre-se uma janela. Neste espaço vê-se todos os comentários feitos pelo público. Em diversos casos, há, logo abaixo do comentário, uma resposta dada pelo próprio Tás.

Na região para publicação dos comentários, há a exigência de preenchimento dos campos Nome, E-mail e Estado. Não obrigatoriamente, pode-se informar também a idade e a profissão. Estes dados são visualizados por todos os usuários que acessarem as seções de comentários. Destaca-se também a alta interatividade. Em média variando de 20 a 100 comentários por mensagem.



No espaço para comentários os usuários discutem temas propostos na página principal

3.2.5 Assinatura

Todas as mensagens são assinadas pelo próprio Marcelo Tás. Quando há algum uso de outra fonte, há a indicação. No blog, até mesmo na seção de comentários, não há possibilidade de se postar como anônimo, mas nada impede a criação de identidades falsas.

3.2.6 Debate

Aqui encontramos o ponto mais forte do Blog do Tás. O debate é o fruto da troca entre o emissor e os receptores que faz com que essa publicação seja tão acessada.

À primeira vista, temos a impressão de que Tás propõe uma conversa informal (sobretudo pelo texto, como apontado na segunda categoria de análise), o que possibilita – e atrai – ainda mais o desejo do usuário a interagir através do dispositivo.

Nos comentários encontramos os mais diversos posicionamentos e pontos de vista. Um tópico sobre a atual situação política do país, por si só, poderia desencadear uma grande lista de discussão, não só dos usuários com o blogueiro, mas também entre si.

Abaixo um exemplo de comentários. Após uma postagem feita por Tás, sobre a estréia de Rodrigo Santoro no seriado norte-americano *Lost*, usuários comentam entre si.

[Tiago Coel] [coel762@imtv.com.br] [Rio de Janeiro - RJ - Brasil] [20 anos] [Estudante]

Outra coisa Del, vc sim é mal informado. Não é professor Dibuxi. (Tô vendo como vc é fã do Tas!!!) É professor Tiburcio!!!!

26/10/2006 22:48

[Tiago Coel] [coel762@imtv.com.br] [Rio de Janeiro - RJ - Brasil] [20 anos] [Estudante]

Del, não sei se Santoro fez Malhação, só vejo o seriado pra me convencer q o futuro dos bons atores está perdido à julgar pela série jovem. Quando chamei Santoro de galã malhação, foi só no sentido comparativo, com os canastrões da novelinha teen. Mas se vc é fã de sontoro, não se preocupe, talvez ele emplaKe na carreira internacional. Quem sabe no "REBELDES"

26/10/2006 22:45

[del] [delzudo@hotmail.com] [sp, sampa, brasil] [22] [analista]

caro tiago corel mal informado e ironico, santoro não trabalhou em malhação, e o cara é talentoso e humilde. Tive o prazer de conhecê-lo na filmagem de seu recente filme aqui mesmo no centro de são paulo, e o talento não o fez um "mala global". e sim, Wagner Moura é tão talentoso quanto ele, mas as oportunidades que surgiram fizeram uma significativa diferença. Tas... vc é meu idolo desde professor dibuxi...(isso mesmo, qdo pqno eu falava assim, e ainda tinha um medo desgraçado dele) abraços e paz
del

26/10/2006 18:40

3.3 Último Segundo

Não há dúvida de que hoje os sites destinados às informações – de quaisquer naturezas – são os mais procurados da web. Esta é uma das principais características do mundo virtual: o acesso amplo e irrestrito à informação. Tais sites têm ainda, agregados às suas qualidades – o valor da velocidade. Acontecimentos em todo o mundo estão presentes em poucos segundos diante dos monitores.

O site Último Segundo (<http://ultimosegundo.ig.com.br>), criado por Matinas Suzuki Junior (Co-presidente da IG) junto a Leão Serva (diretor de jornalismo do site), foi ao ar pela primeira vez em 1999 com o objetivo de produzir notícias atualizadas no menor período de tempo possível. O próprio site se afirma como o maior produtor de notícias da Internet brasileira, com cerca de 1500 publicações diárias. O Último Segundo (US) também tem uma equipe de 30 jornalistas, divididos em editorias. A rotina de produção é a mesma dos veículos tradicionais. Repórteres vão à rua, existem editores e uma redação.

Por se tratar de um site de informações jornalísticas, US tem um amplo campo de possibilidades e temáticas. A divisão das editorias também facilita a busca por temas de interesse.

Na seção Últimas Notícias, a principal, encontramos os acontecimentos mais recentes, e de maior repercussão. Notícias de maior relevância também estão dispostas em lugar de destaque, com grande fonte em negrito.

Aqui vale uma busca pelos conceitos de virtualização propostos por Pierre Lévy (1999). Ele mostra o impacto causado pela internet na medida em que temos uma nova visão de fatores como cartografia, noção de distância e proximidade de culturas. Ao relatar o que acontece em diferentes partes do país e do mundo, o site US rompe as barreiras da cartografia, e leva ao usuário uma visão ampla sobre diferentes culturas.

No site, embora haja a possibilidade do envio de comentários, a ferramenta é pouco usada. O que notamos não é a ausência de possibilidade de interação, mas sim, o não uso da ferramenta de comentários, mesmo em casos de notícias de grande interesse.

A própria estrutura do US também não incentiva a participação. O espaço para os comentários não está em destaque, e também não existe nenhum estímulo visual, como, por exemplo, frases do tipo: “Comente a mensagem”.

A respeito do desenho, não percebemos nenhuma inovação ou ousadia. As informações estão dispostas da maneira convencional. Blocos de notícias formam as divisões do site. Ao lado esquerdo há divisão das seções: Brasil, Economia, Mundo Virtual, Esportes, Mundo, Cultura, Ciência e Saúde, Educação/Vestibular e Poupa Clique formam um conjunto de seções mais convencionais, denominado Canais. Há também um conjunto denominado Especial, que é formado pelas seções Jornal de Debates, Fale com os Candidatos, US multimídia e Colunistas e Blogs. Na mesma coluna, um pouco mais abaixo, a seção denominada Parceiros, formada por NY Times, Havard Business, BBC Brasil, Grande Prêmio, Conversa Afiada e Climatempo. No conjunto Leia Também, encontramos as seções Observatório, Nomínimo, Parceiros Regionais, Pesquisa Fapesp, Repórter Brasil e Trivela. Para finalizar, há um menu de serviços, com links para RSS, Podcasting, Radiojornalismo, US Informa, Boletim de Notícias, Último Segundo Flash, Tudo Sobre o US, Opine no Blig e Fale Conosco.

Destaque apenas para os recursos multimídia oferecidos. Vídeos, fotos e sons são recorrentes. As matérias, em sua maioria, são complementadas por fotos e, muitas vezes, por vídeos e sons. Há também podcastings (informações disponíveis em formato mp3), complementando assim todas as possibilidades existentes na web.

ÚLTIMO SEGUNDO
oferecimento Bradesco

O hpG gratuito está de volta.

Terça-feira, 07 de novembro de 2006

BUSCA
Digite o que você procura
[input] [OK]
Escolha a editoria [dropdown]

CANAIS
BRASIL
ECONOMIA
MUNDO VIRTUAL
ESPORTES
MUNDO
CULTURA
CIÊNCIA E SAÚDE
EDUCAÇÃO / VESTIBULAR
POUPA CLIQUE

ESPECIAIS
JORNAL DE DEBATES
US MULTIMÍDIA
COLUNISTAS E BLOGS

PARCEIROS
NY TIMES
HARVARD BUSINESS
BBC BRASIL
GRANDE PRÊMIO
CONVERSA AFIADA
CLIMATEMPD

LEIA TAMBÉM
OBSERVATÓRIO
NOMÍNIMO

Câmara vota só uma das 10 MPs que trancam a pauta

REVIRAVOLTA NO BRASILEIRÃO? Carlos Alberto e Figueirense podem receber dura punição

Sanguessugas
No Conselho, Vedoin diz que pagou propina a parlamentares

CPI ouve Barjas Negri
"Nunca ouvi falar no empresário Vedoin", diz prefeito tucano

Tudo pela coalizão
Lula anuncia reuniões mensais com líderes do Congresso

Dia de votação nos EUA
Americanos já enfrentam problemas com urnas eletrônicas

Jornal de Debates
Você é a favor de novas leis para controlar a internet?

Ao vivo no Placar US
Diego come a bola no Alemão; siga Copa da Inglaterra

Blog do Mino
Jorge Gerdau faz discurso de ministeriável em São Paulo

US MULTIMÍDIA
 **Fotos do dia**
O homem mais alto do mundo está no Brasil; veja imagens desta 2ª

 **Estréias!**
"O Ano em que Meus Pais Sairam de Férias" chega aos cinemas

Euro R\$ 2.738
Atualizado a cada 30 min.

VER PAINEL DE COTAÇÕES
D.COM BOV DOW NAS
2,136 -0,48% 0,58% 0,53%

LINKS PATROCINADOS
Jotec - Gestão de Empresa
2100 telas, 27 módulos Software ERP e Web Implant. em até 10 dias
www.jotec.com.br

150 mil empregos na Catho
Inclua seu currículo por 7 dias grátis. Clique e aproveite!
www.catho.com.br

Câmera Digital 3x R\$ 33
A menor câmera digital do mercado. Com webcam e mini filmadora.
www.safarishop.com.br

TEMPO
São Paulo Rio de Janeiro

Com layout simples e claro, o US se intitula o maior produtor de notícias da Internet brasileira. São cerca de 1500 diárias

3.3.1 Interatividade

A interatividade proposta pelo site limita-se a três recursos: comentários das matérias, RSS e contato com o editor.

A primeira opção de interatividade funciona de maneira similar aos outros meios digitais. O usuário tem a possibilidade de comentar a notícia, posicionando-se de maneira livre (há apenas um conjunto de normas e restrições sobre a responsabilidade do usuário pela sua mensagem). Essa alternativa acaba também por levar a um debate entre quem comenta. Temos um ciclo entre a mensagem, os comentários sobre esta mensagem, e os comentários sobre os comentários.

O segundo recurso, RSS, possibilita ao usuário cadastrar-se para receber informações atualizadas do site. Ao escolher temas, como por exemplo política e esportes, tem-se um

cadastro. Todas as vezes em que houver atualizações no site sobre esses temas, o usuário é prontamente informado, mesmo não estando no US.

No terceiro recurso – contato com o editor – há apenas um link para envio de e-mail. Temos uma limitação aí, pois não se tem nem mesmo a certeza de que o e-mail chegue ao seu destino.

Indiretamente o site também apresenta outras ferramentas como fotos, vídeos e sons.

Sobre o prisma de Mônica Tavares (2002), o site possibilita apenas o primeiro nível de interatividade. A informação é disposta de forma Linear, e, em alguns casos, pode estar em forma de Rede. Não há a possibilidade da resposta imediata, restringindo o processo apenas ao primeiro nível.

3.3.2 Texto

O site tem um conteúdo essencialmente jornalístico. À primeira vista, temos a impressão de estarmos lendo um jornal. A página principal apresenta espécie de chamadas que direcionam o usuário para as seções específicas.

Há também, na página principal do site, uma série de informações, dispostas de maneira sucinta, sobre assuntos diversos. Tempo, mercado, cotação do dólar e oferta de equipamentos eletrônicos são encontrados.

Destaque para a seção Últimas Notícias, em que são postos os links para as publicações mais recentes. Esse é o principal foco do site. Abaixo um exemplo:

Helicóptero cai próximo a Interlagos

Brasil :: 18:29:01

Salvador com chuva fraca

Brasil :: 18:28:18

Aposentada que atirou em ladrão recebe homenagem no Rio

Economia :: 18:28:08

Murilo Portugal é nomeado vice-diretor-gerente do FMI

Agência Nordeste :: 18:27:02

Salão da Moda realiza vendas no Rio Grande do Norte

Há também, ao lado da seção Últimas Notícias, a seção As Mais Lidas do US, que direciona os usuários às matérias mais visitadas do site.

Ressalta-se a forte presença dos links. Toda a informação é disposta de maneira segmentada, sendo, por sua vez, ligada a outras com a mesma temática. Há um trânsito por todos os temas e seções do site. A linguagem objetiva e direta também reforça essa característica. São apresentados textos mais curtos e claros, de fácil e rápida leitura, com um fluxo constante e quase cadenciado. O usuário é levado pela rede de informações, muitas vezes terminando em seções completamente opostas à inicial.

Destaque para os títulos – grandes – e bigodes explicativos, muitas vezes funcionando como lead. Abaixo um exemplo clássico de notícia veiculada no site:

**Pesquisadores capturam o maior tubarão encontrado desde 2004 em PE
15:47 03/11, atualizada às 16:28 03/11**

Da Redação

SÃO PAULO - O barco Sinuelo, que pertence ao projeto Pró-Tuba, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), capturou na manhã desta sexta-feira o maior tubarão encontrado desde 2004 no litoral pernambucano.

O tubarão, que é uma fêmea da espécie cabeça-chata, tem cerca de 2,60 metros, pesa mais de 100 quilos e foi pescado e morto próximo à praia de Piedade, em frente ao Hospital da Aeronáutica, em Jaboatão dos Guararapes. De acordo com os pesquisadores, o tubarão poderia atacar banhistas por estar muito perto da orla.

O animal chegou à costa por volta das 11h e foi encaminhado para a UFRPE para ser analisado pelos pesquisadores, de acordo com o jornal "Folha de Pernambuco". O pesquisador da UFRPE José Carlos Pacheco afirmou que o tubarão será estudado para verificação do estágio de maturação e o controle estomacal do animal.

O barco que fez a pesca do animal saiu da costa do Recife na quarta-feira e retorna à cidade na próxima segunda. De acordo com o jornal, o barco Sinuelo faz costumeiramente a pesca seletiva de tubarões no litoral pernambucano, desde a praia de Boa Viagem, em Recife, até a praia do Paiva, no Cabo de Santo Agostinho.

3.3.3 Extensão

O site Último Segundo, por se tratar de um veículo de divulgação de informações, tem, como centro de sua atenção, o espaço principal para as informações. Navegando pelo site, acompanhamos um fluxo bastante fragmentado de notícias. Entretanto, a extensão de tais publicações é reduzida, levando assim à possibilidade de uma interatividade mais rápida,

dinâmica, entretanto pouco reflexiva. A extensão de cada notícia varia entre três e cinco parágrafos. Quase sempre há o recurso das fotos.

3.3.4 Ressonância

Não é possível, no próprio site, acompanhar o número de acessos. O que se tem é apenas a possibilidade de acompanhamento através dos comentários nas seções. Este é, inclusive, o único indicador – e a única possibilidade – de vermos a reação às mensagens veiculadas. Em geral, as mensagens não ultrapassam cinco comentários.

3.3.5 Assinatura

A maioria das matérias expostas no site são provenientes de agências de notícias. As demais não são assinadas por ninguém. Já os comentários são sempre assinados

3.3.6 Debate

A possibilidade de interatividade do site não permite – na maior parte dos casos – um debate a respeito das mensagens. O envio de comentários se restringe apenas a algumas matérias, e, mesmo assim, não é grande a repercussão.

Aqui podemos retomar as teorias de Thompson (1998), sobretudo quando este relaciona a comercialização ao processo de “gerenciamento de opinião”. No site US, a informação é tratada como um produto. Apresentada, na maior parte das vezes, de maneira muito superficial, o que impossibilita uma análise mais crítica e aprofundada sobre acontecimentos diversos. Não há, nem mesmo, o estímulo a uma opinião sobre o relatado.

3.4 Overmundo

Como dito na própria descrição disponível no site, o Overmundo (www.overmundo.com.br) é:

“...um website colaborativo, que tem como objetivo divulgar e disponibilizar a cultura de todo o Brasil na internet. Nele, qualquer pessoa - desde que cadastrada (visite nossa página de registro para ver como o processo de cadastramento é simples e rápido) - pode:

- a) escrever textos para serem publicados no Overblog, e colaborar na edição dos textos de outros autores;
- b) contribuir para a construção do Guia da sua própria cidade, com dicas de lugares, festas e muitas outras atividades;
- c) inserir itens na Agenda de eventos de todo o país;
- d) disponibilizar conteúdos, como fotos, músicas, filmes, textos etc. no Banco de Cultura;
- e) comentar os textos, dicas e outros conteúdos do site - contribuindo assim para um debate permanente e rico sobre a produção cultural brasileira”.

Patrocinado pela Petrobrás e pelo Ministério da Cultura, o site tem crescido em número de colaborações. Esta é, por sinal, a força motriz da publicação. São os próprios usuários quem constituem o projeto. A colaboração não se restringe ao envio de mensagens, vai além quando propõe que o usuário seja também o construtor do suporte.

Em seu cerne, o projeto também chama atenção por agregar em si outras características. A região de destaque para as obras postadas é escolhida pelos próprios usuários mediante a um processo de votação. Cada colaborador pode ter sua obra editada por terceiros.

O processo de construção colaborativo é a base do site

Com todas suas características, o site se configura como um exemplo de esfera pública. Relacionando com as teorias de Hannah Arendt (1995), encontramos o Mundo Comum, através da possibilidade de manifestação das idéias respeitando as subjetividades. Ao tomarmos as teorias de Habermas (1984), relacionaremos ainda, ao site, a noção de opinião pública. É a partir de tal processo que se tem a construção de uma obra. O autor, a propor uma idéia, abre espaço para discussões e deliberações que convergirão para o resultado final, fruto da opinião diferente dos diversos atores envolvidos no processo.

3.4.1 Interatividade

A interatividade é a principal característica do site Overmundo. É na interatividade que aparecem as possibilidades de colaboração da web. A lógica de funcionamento é simples: um usuário publica uma obra, que, por sua vez é comentada, votada e editada pelos demais

usuários. Este sistema é protegido pela licença *Creative Commons*³, que, ao mesmo tempo, protege a autoria e abre espaço para o processo colaborativo.

Ao enviar sua obra, em 48 horas esta passa pela fila de edição e fila de votação. São esses dois recursos que dão ao site o caráter colaborativo. O processo consiste em ter a obra analisada pelos demais usuários, que a editam e votam. A votação é importante, pois ela é a principal responsável por tornar uma publicação visível. Quanto mais votos, maior a visibilidade. Ela funciona tendo como base o tempo e o número de votos. Isso dá maior mobilidade ao sistema.

home · banco · textos-literatura

HOMENAGEM À MARIO QUINTANA

Escritora Vera Salbego · Guaíba (RS) · 11 votos · 1 comentário

11 votos
GOSTEI

MARIO QUINTANA, POETA OU ANJO?

NA PUREZA DE UM OLHAR
DE POETA,
OU DE ANJO!
NAS CALÇADAS DA RUA DA PRAIA,
ONDE DESFILOU COM SEU SORRISO
MEIGO,
AO ENCONTRO DE SEUS DIAS,
E DE SUAS POESIAS,
DEIXANDO NAS PEGADAS DA VIDA,
O CANTAR DE SUAS POESIAS,
NA IMENSIDÃO DE SEUS VERSOS,
NO CENTENÁRIO DE SEU NOME,
QUINTANARES EM FLOR,
A MARCAR SUA PRESENÇA,
NA HISTÓRIA DAS LETRAS,
ENLEVANDO SEUS VERSOS
AO SÓM DE AGORA.

UMA HOMENAGEM DA ESCRITORA VERA SALBEGO AO POETA
MAIOR, MÁRIO QUINTANA. NO ANO DE SEU CENTENÁRIO!!

tags: [Guaíba RS](#) [textos-literatura](#)

[Quero](#) ser avisado quando essa colaboração for comentada.

423 kb
[download](#)

meu painel

- [publicar colaboração](#)
- [filas de edição](#)
- [filas de votação](#)

veja também

- [BUSQUEI-TE](#) · Banco de cultura
- [AMOR PLATÔNICO](#) · Banco de cultura
- [CRÔNICA](#) · Banco de cultura
- [Preguiça](#) · Banco de cultura
- [Nó Cego - nº 1](#) · Banco de cultura
- [Amigos, amigos...](#) · Banco de cultura
- [O amigo](#) · Banco de cultura
- [Viagem](#) · Banco de cultura
- [O dom e a vagabunda](#) · Banco de cultura
- [Prece a Fênix](#) · Banco de cultura

tags randômicas

[brasilia](#) [fotografia](#) [marcos-carvalho-lopes](#) [literatura](#) [mpb](#) [poema](#) [documentario](#) [natureza](#) [cafe](#) [sao-paulo](#) [poesia](#) [filme](#) [diversao](#) [exposicao](#) [internet](#)

> [nuvem de tags](#)

banco de cultura

Obra disponível para votação dos usuários

³ Sistema de direitos autorais que permite a indivíduos apropriarem-se de obras já criadas e recriá-las, desde que não as usem para fins comerciais e a identifiquem como fruto do próprio sistema.

detalhes

Autoria VERA SALBEGO

Ficha LIVRO CAMINHOS DE VERA SALBEGO
Técnica PREFÁCIO DO ESCRITOR WALTER GALVANI
Link <http://verasalbego.zip.net>

Contato vsalbego@hotmail.com

Data

Arquivo 423 KB

Licença ALGUNS DIREITOS RESERVADOS

comentários [RSS](#) [postar novo comentário](#)

Parabéns pelo belíssimo texto.
Mauro Teixeira - Cambuci (RJ) - 7/11/2006 12:04
 Dê sua opinião! Você achou esse comentário útil?
 Sua opinião:

negrito **itálico** **Link** **Fechar Tags**

enviar comentário **5000** caracteres restantes

Na fila de votação, a obra traz informações e a possibilidade de comentários

No site, a possibilidade de colaboração funciona por categorias. O usuário tem acesso a música, cinema/vídeo, literatura, artes cênicas, artes visuais, artes eletrônicas, diversão e cultura e sociedade. Há um Banco de Cultura, no qual a produção cultural em si fica armazenada. Existe também, dentro do próprio site, o Overblog, um espaço para a publicação de textos de diferentes gêneros e temáticas. Os textos postados podem ainda conter recursos multimidiáticos, como fotos, vídeos e sons. Seguindo a mesma lógica, encontramos os Blogs do Overmundo. Esses somam 100 e funcionam sobre a mesma lógica dos demais blogs da Internet.

Há também uma Agenda e um Guia. Através do primeiro recurso qualquer usuário pode informar eventos que ocorrem em sua cidade. Já o Guia é um espaço para divulgar espaços interessantes das cidades. Ambos os recursos também passam pela sala de edição e votação.

Outra ferramenta de grande interesse no site é o Observatório. Esse é um espaço dedicado a debates entre os usuários sobre o funcionamento do site. Aqui são discutidos todos os assuntos de interesse geral para os usuários e colaboradores do site. É um espaço que também comporta discussões sobre problemas e soluções para o site.

Aqui encaixa-se um importante conceito proposto por Mônica Tavares (2002): a noção de categoria de interação Seleção. O sistema é o exemplo de como o receptor tem liberdade de escolher seu próprio caminho, contribuindo para um resultado final. Sobre os níveis de interatividade, encontramos a possibilidade do quarto nível. Com exceção da telepresença, todas as demais características são possíveis.

3.4.2 Texto

O site se baseia na colaboração de usuários. Como se trata de um veículo cultural, os textos encontrados no site são voltados para tal temática.

3.4.3 Extensão

Há uma grande variedade de espaço destinado ao uso dos usuários. É praticamente impossível medir, já que não há restrições para uso do espaço. O que se têm é unicamente proveniente do meio.

3.4.4 Ressonância

Esta é uma das principais características do site. Aqui encontramos a possibilidade concreta da interação na web. Além de comentar a mensagem enviada, é o próprio usuário quem a envia. É dado a ele ainda a possibilidade de transformar o próprio suporte. Na seção observatório, discutem-se os próprios rumos do site. Acertos e possibilidades também são encontrados aqui.

A ressonância também é a cerne do processo de publicação de uma obra. Tudo que é enviado ao Overmundo passa por três passos. É nesse momento que percebemos a característica mais marcante do site. A colaboração (como é chamada a postagem de uma obra) segue os seguintes passos:

Publicação: quando o usuário escolhe e envia sua contribuição para alguma seção específica.

Fila de Edição: quando os demais usuários editam a colaboração.

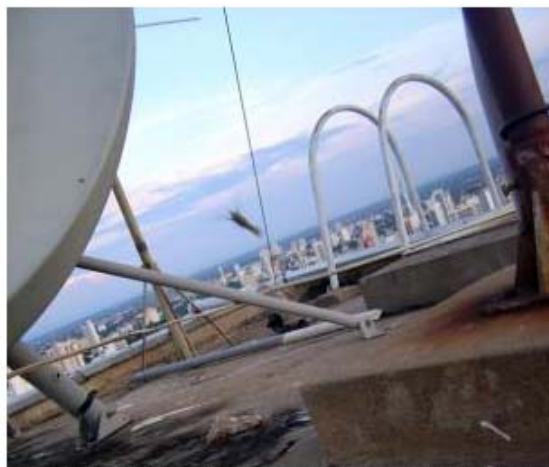
Fila de votação: quando os usuários votam na colaboração.

Este processo é a força motriz do site. Assim a ressonância torna-se a principal característica do Overmundo.

Flagra II

Claudiocareca · Cuiabá (MT) · 6/11/2006 16:06 · 89 votos · 4 comentários

61
overpontos
GOSTEI



294 kb

download

O pássaro chega, olha e foge como uma espiga de milho...

Enquanto a cidade anoitece...

tags: [Cuiabá MT](#) [artes-visuais](#) [fotografia](#) [claudio-oliveira](#) [cuiaba](#) [hell-city](#) [passaro](#) [flagra cidade](#)

[Quero](#) ser avisado quando essa colaboração for comentada.

Exemplo de contribuição com fotos

comentários [postar novo comentário](#)

Essa foto foi tirada de cima de um prédio, né? Captou o momento, o belo momento do anoitecer do Planalto Central. De quebra, há o pássaro deslocado entre a massa de criações do homem. Belo flagrante.
jleandro · Araguaína (TO) · 6/11/2006 09:36
 1 em 1 pessoa achou útil
 Sua opinião:

Muito belo, parabens pelo registro!
Mauro Teixeira · Cambuci (RJ) · 7/11/2006 10:40
 Dê sua opinião! Você achou esse comentário útil?
 Sua opinião:

Obrigado gente. Esse caos urbano e esses fragmentos humanos no teto do prédio realmente valorizam o pássaro fugidio...
Claudiocareca · Cuiabá (MT) · 7/11/2006 12:07
 Dê sua opinião! Você achou esse comentário útil?
 Sua opinião:

Interessante flagrante...
Camafunga · Pelotas (RS) · 7/11/2006 02:26
 Dê sua opinião! Você achou esse comentário útil?
 Sua opinião:

negrito itálico Link Fechar Tags [como funcionam os botões?](#)
 enviar comentário 5000 caracteres restantes

Em seguida os usuários comentam a obra

3.4.5 Assinatura

A questão da assinatura, no Overmundo, é um ponto interessante. O usuário, ao publicar uma obra tem ainda autoria sobre esta, entretanto, ao passar por uma edição dos demais usuários, corre-se o risco de vê-la totalmente mudada. No final do processo, mesmo com as alterações realizadas, a assinatura do autor original prevalece.

3.4.6 Debate

Como resultado da ressonância, encontramos o debate como um fim inevitável. A obra, mesmo depois de ter passado pelos três passos da publicação, é comentada pelos demais usuários. Aqui também encontramos um debate entre os próprios usuários. Uma obra pode desencadear uma discussão sobre temas diversos.

É através desta última categoria de análise que devemos relacionar as teorias de Rousiley Maia (2002). Aqui encontramos a concretização do mundo virtual como uma

possibilidade de espaço democrático. Diferentes atores, com subjetividades distintas refletem e se unem para a construção de um objeto único.

CONCLUSÃO

Os meios de comunicação de massa vêm alterando o modo como as pessoas interagem e constroem a sociedade. Para entendermos essas mudanças, buscamos autores que discutem aspectos comunicacionais da vida humana. O primeiro é o entendimento do público e do privado.

Hannah Arendt (1995) propõe uma visão mais filosófica, em que busca as raízes para suas definições na Grécia antiga. Ao discernir sobre a vida em grupo, mostra que a ação – entenda-se o discurso – é a única condição essencialmente humana, e a principal responsável pela construção da política, das regras sociais e dos parâmetros da civilização. Já o alemão Jürgen Habermas (1984) traça um paralelo histórico, em que são abordados todos os aspectos estruturais da esfera pública. Ele propõe que determinados fatos históricos, como a monarquia, surgimento das práticas mercantilistas, revoluções burguesas e a concepção da mídia como empresa capitalista foram responsáveis por profundas alterações na conceituação do público e do privado. Thompson (1998), por sua vez, critica a proposta de Habermas (1984) e propõe uma visão mais “atualizada”. Segundo ele, a esfera pública é formada por indivíduos (com seus valores privados) discutindo assunto referentes ao Estado e que a mídia não destruiu essa possibilidade.

Já o debate sobre Mundo Virtual deu-se através de quatro autores. Manuel Castells (1999), mostra historicamente como se deu o surgimento da internet. Ele afirma ainda que estamos vivendo um período de revolução tecnológica. Pierre Lévy (1999) define e aponta características sobre o que é o virtual. Mônica Tavares (2002), por sua vez, define características essenciais sobre interatividade. No estudo, sua proposta foi utilizada para categorizar as possíveis formas de interação dos sistemas estudados. Percebemos que existiam níveis e estruturas diferentes, com possibilidades inesgotáveis de combinação. Já Rousiley

Maia (2002) mostra qual a relação entre internet e democracia. Sua proposta é importante quando analisamos a liberdade de participação dos usuários.

A construção do terceiro capítulo, apoiada na análise de objetos empíricos, mostrou-nos aspectos interessantes. O primeiro, e mais importante deles, é que, no Mundo Virtual, as esferas pública e privada, independente do sistema, se misturam. Observamos, em todos os casos, que tanto aspectos públicos quanto privados foram encontrados em um único objeto.

No sistema de e-mails percebemos que a “correspondência”, através de ferramentas como encaminhar, poderia ser a princípio privada, e posteriormente se tornar pública. Mesmo havendo a intenção de privacidade, nada garante ao remetente que o e-mail não será encaminhado a terceiros. Informações contidas no cabeçalho do e-mail serviriam ainda como comprovação da origem. As ferramentas comunicacionais proporcionam uma interatividade instantânea ou não entre indivíduos. As mensagens trocadas podem ser curtas ou conter anexos extensos.

Já no blog do jornalista Marcelo Tás, seu posicionamento individual é claramente apresentado ao público. O íntimo, no que diz respeito às suas convicções, é amplamente debatido por internautas. Estes, por sua vez, propõe questionamentos individuais. Daí a relação da esfera privada com a pública. As ferramentas comunicacionais auxiliam ainda mais na construção do debate. Percebemos que o espaço para comentários foi amplamente utilizado.

O site Último Segundo, também abre espaço para a manifestação da opinião pessoal. Embora não muito utilizado, o espaço para comentários se configura como uma possibilidade de hibridismo entre as esferas privada e pública. As ferramentas comunicacionais acabam por inibir a participação do usuário na construção do debate.

No site Overmundo percebemos que é a partir do privado que se constrói o público. Cada indivíduo, à sua maneira, é responsável pela obra final. As ferramentas disponíveis

fazem do usuário o próprio construtor do site. Este fato é, talvez, a maior possibilidade de interatividade do mundo virtual.

A partir de tais observações, notamos que o mundo virtual suporta uma ampla variedade de opiniões. Os mecanismos de interatividade estudados apontaram para a possibilidade de manifestação de opiniões diversas sobre um único assunto debatido. Tal fato contribui ainda mais para a formação de uma opinião pública mais ampla, abrangendo pontos de vista diversos.

Habermas (1984) e Rousiley Maia (2002), ao tratarem do assunto, propuseram características que se encaixam perfeitamente na lógica vista na web. Há pluralidade de pontos de vista, discussões sobre Estado e assuntos diversos e individualidades compondo o debate.

Enfim, pode-se afirmar que, no mundo virtual, nenhum dispositivo é essencialmente privado ou público. Todos detêm, em seu âmago, características essenciais das suas esferas. O que é, a princípio, privado pode se tornar público, e vice-versa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah,. **A condição humana**. 7a ed. rev. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

BRASIL, André; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. **Cultura em fluxo: novas mediações em rede**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. rev. e ampl. Sao Paulo: Paz e Terra, 2002.

DAVIDOW, William H.. **A corporação virtual: estruturação e revitalização da corporação para o século 21**. São Paulo: Pioneira,1993.

DICIONÁRIO de informática multimídia e realidade virtual: inglês-português. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

FAUSTO NETO, Antônio. **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: 2001.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

GANDELMAN, Henrique. **De Gutenberg à Internet: direitos autorais na era digital**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera publica :investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

Lemos, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. André Lemos Publicação Porto Alegre Sulina 2002.

LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Org.) **Janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço / . 2.ed.** São Paulo : Loyola 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual ?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MAIA, Rousiley C. M. in **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: UnB, c2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga F. **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: UnB, 2002.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. 2. ed. São Paulo : Companhia das Letras 1996.

RAMALHO, José Antônio. **Comunicação sem limite**. Caderno Informática. Estado de Minas. Belo Horizonte, 20 de abril. 2006.

TAVARES. Mônica. In **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: UnB, 2002.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VIRILIO, Paul. **A Bomba Informática**. São Paulo, Estação Liberdade, 1997.

Sites

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/> - acessado ao longo de 2006.

<http://www.intercom.org.br> – acessado ao longo de 2006.

<http://ultimosegundo.ig.com.br/> - acessado ao longo de 2006.

<http://marcelotas.blog.uol.com.br> – acessado ao longo de 2006.

<http://www.overmundo.com.br> – acessado ao longo de 2006.

<http://www.wikipedia.org/> - acessado ao longo de 2006.